

# CASOS SOMBRIOS DA GUANABARA



# Casos Sombrios da Guanabara

Novela I

## A maleta Swarovski

*escrito por Léo Azevedo*

Você já tomou um soco bem dado na boca do estômago?

É uma dor direta, sem rodeios. Tão intensa que provoca um terremoto nos seus órgãos e faz você vomitar o sangue acumulado na boca.

*Blam!*

Dois homens se digladiavam à moda antiga em um ringue improvisado. A plateia em volta gritava, sacudindo maços de dinheiro no alto. Um golpe de esquerda na barriga soberba fez Montenegro perder o ar, e o equilíbrio. Tropeçou nas próprias pernas caindo no meio da gente. O juiz abriu contagem.

Com a visão turva, ele só viu o lustre dos sapatos naquele chão podre de peixe. Montenegro era corpulento, acostumado a levar pancadas, mas tava fora de forma.

“*Urso! Urso!*” — gritavam alguns apostadores. E o nome se espalhou pela voz rouca dos homens.

Antes de se levantar, cuspiu uma mistura de sangue e saliva que acertou em cheio no pé de um magnata. O sujeito esbravejou, irado. O Urso apenas sorriu, um sorriso sinistro.

Alguns poucos refletores ligados por gambiarra iluminavam porcamente o armazém, deixando um degradê de sombras. Os pugilistas se estudavam. De um lado, calção claro, mais novo, pesando quase cem quilos bem distribuídos em músculos: o Barão, desafiante da noite. Do outro, calção escuro, outrora conhecido como o Urso — Montenegro — visivelmente desgastado, mas sem perder a tenacidade.

Experiente, ele lia os movimentos do Barão. Sabia que para derrubá-lo teria que marcar a sua direita perigosa e puxá-lo pra perto, onde um gancho certeiro derrubaria o sujeito.

Soou o gongo, fim do terceiro round.

O corner meio-gringo, filho do açougueiro, puxou uma cadeira enferrujada. Montenegro afundou nela, fedendo a suor. O cara virou-

lhe um shot de cachaça na boca e tacou um bife cru na cabeça. Novo em folha.

Segurando a carne gelada no corte do supercílio, ofegante, Montenegro observou sob a fumaça densa dos cigarros. Viu rostos distorcidos, selvagens com a luta. A gargalhada estridente da mulher de vestido. O dente de ouro do *bookie*, contando notas amassadas.

Calor... e pressão. Combinação explosiva pro coração de Montenegro. Puxava o ar e nada. Olhou para o teto. A vertigem abriu uma fresta no tempo, levando-o de volta aos dias de glória...

*Urso! Urso! Urso!*

*A arquibancada gritava no charmoso ringue do Cassino da Urca. Uma noite indelével. Esposa, filhos e amigos na plateia. Todos assistindo o triunfo do jovem Montenegro. Faltava só passar no teste da Polícia e os planos estariam completos. Planos tragados pela vida, como a fumaça de um bom cigarro...*

*Ding-ding-ding!*

O Barão avançou. Soco direto. Outro na sequência. A cabeça do Urso deu um coice para trás. O segundo golpe pegou no pau do nariz, manchando de sangue o bigode opulento. Montenegro cambaleou, se defendeu. O Barão faminto, batendo mais, mais. E então mordeu a isca, chegou perto demais. O Urso viu a chance. Contra-ataque perfeito: o temido gancho de esquerda.

Em câmera lenta, Montenegro esquivou, inclinando o corpo para potencializar o *swing*. Sentiu o cheiro do medo. Uma gota de suor escorreu da têmpora do Barão. As veias do pescoço pularam excitadas... Quase desistiu do conchavo, mas vacilou.

Num segundo, pôs tudo a perder (ou a ganhar). E o Barão, que não tinha nada a ver com essa negociação, não perdoou. Soltou um *pombo*

*sem asa* que acertou em cheio, amassando a cara de Montenegro. Nocaute brutal. Desligou o disjuntor antes mesmo de beijar a lona.

No jogo de dama, o golpe é uma sequência de movimentos que força o adversário a capturar uma pedra — só para ter mais pedras capturadas depois.

Instantes depois, numa suposta enfermaria, Montenegro recebia cuidados sentado sobre um caixote de estivador. O garoto tremia diante do estrago no nariz do detetive, ainda se dizia enfermeiro. Na melhor das hipóteses um estudante descolando trocado pra pagar a faculdade. A saleta mofada, sem recursos, também não ajudava em nada. Notando a hesitação do fedelho, resmungou, empurrando-o pra longe. Usou as próprias mãos para encaixar o nariz no lugar.

A manobra estúpida veio seguida de um uivo de dor que ribombou feito trovão pelo armazém, agora esvaziado. O garoto tomou um susto, derrubando a caixa de primeiros socorros. Pegou um frasco caído de analgésicos e deixou do lado do Urso, balbuciando o receituário. Montenegro ria, irônico da cena.

Fora da sala, no corredor silencioso, passos comprometidos estalavam sobre o piso. A porta se abriu de repente. Entrou um homem, alto, daqueles com queixo quadrado e bigode fino, o tipo que parecia ter saído de um anúncio de cigarro importado.

O sujeito fez um gesto breve com a cabeça direcionando o “enfermeiro” à porta. Queria privacidade. Apesar da inegável boa aparência, o cara tinha um ar cafajeste, capaz de esconder coisas por trás do terno limpo de alfaiataria.

Trazia consigo uma maleta pomposa, cravejada de cristais *Swarovski*. Assim que ficaram a sós, entregou o objeto a Montenegro.

“*Envie lembranças ao velho Joel.*”

“*Não tinha uma mala mais discreta, Conrado?*”

*“Fiz a minha parte. A maleta fica de presente.”* — ele escapou um sorriso esnobe.

*“Essa porra vai chamar muita atenção, parece um abre-alas.”*

*“Se vira! O detetive aqui é você, não eu.”*

*“Vai pro inferno!”* — Montenegro socou a mesa.

*“Acalma os nervos. Já estou de saída. E, ó... bela atuação hoje.”* — bateu palmas discretas.

*“Olha bem pra minha cara, seu vagabundo. Vai querer entrar numa comigo?”*

Conrado ajustou o paletó e desapareceu no breu do corredor, deixando escorrer um sussurro mal intencionado:

*“Avisa ao velho pra tomar cuidado com quem brinca.”*

Tarde da noite. O Ford 47 de Montenegro cortava as ruas vazias da Guanabara. No banco do carona, a maleta emitia o seu próprio brilho. A luz dos faróis riscava a chuva fina que caía. O destino: Edifício Atlântica, na tradicional rua do Lavradio. No primeiro andar, seu escritório. No quinto, sua moradia.

Ele estacionou próximo ao prédio. Usou o chapéu como escudo contra a chuva lateral, mas andava devagar — a surra cobrava o seu preço. Ao tirar as chaves do bolso, deixou-as cair numa poça de lama.

*“Inferno!”* — sujou as mãos para pegá-las e entrar no edifício.

O hall estava escuro e quieto. Só se ouvia o chiado da chuva e o silvo agudo do alísio entrando pelas frestas. As pegadas do detetive marcavam o piso de ladrilho hidráulico até a porta do elevador. Respirar era difícil. Ainda mais com o odor estranho que saía da maleta — algo oxidado.

Os números acendiam devagar. Primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto andar. Arrastou a porta sanfonada. Deu de frente com dois olhos astutos na penumbra. Ufa! Era o sr. Rivaldo, o zelador discreto que tinha o hábito notívago de varrer os corredores. Suspirou aliviado, já bastava de causos pra um único dia da porra.

Sem pestanejar, despejou os pertences no aparador, sobre a pilha de contas atrasadas, exceto a maleta misteriosa, que colocou com cuidado na mesinha em frente ao sofá. Foi até a geladeira, torcendo pra encontrar algo decente para matar sua fome de urso. Frustrado com as parcias opções, se contentou com metade de um sanduíche de pernil mal embrulhado, de dias atrás. O que não mata, engorda, ele pensou.

No chuveiro quente, vendo a água limpa arrastar a sujeira pro ralo, refletiu sobre a maleta e a derrota.

*Por que o velho me colocou nesse embuste? O que tem nela pra me custar tão caro?*

Enrolado na toalha, ajustou o bigode grosso e reforçou os curativos no espelho embaçado. Serviu um conhaque e relaxou no sofá, sentindo a textura do veludo contra as costas peludas. Examinou pela primeira vez a maleta. Além do cheiro sintético, era feita de um material diferente, coisa de bacana. Parecia um aço de couro — se fosse possível existir isso. Fria, mas com textura de pele. E o principal: hermeticamente fechada.

O objeto de luxo se destacava do ambiente modesto. A poeira do móvel, as manchas de copo, o cinzeiro lotado de guimbas. Tudo em torno daquele artefato ficava mais decadente. Egoísta, só ele brilhava. Entre goles e tragos, foi várias vezes até o telefone de disco. Tentou falar com Joel, não conseguiu. Quando a garrafa quase terminava, pegou no sono profundo ali mesmo, na sala.

Na manhã seguinte, Montenegro sentia-se dolorido. Qualquer ação além do esforço de se manter vivo sobrecarregava o corpo. Passou um

café forte e comeu uma omelete recheada com um pouco de tudo, esvaziando a despensa.

Com a chegada do crepúsculo, pegou um dos muitos livros espalhados pelo apartamento. Era um exemplar de *O Falcão Maltês*, de Dashiell Hammett. O detetive era aficionado por literatura policial desde garoto, fã de personagens como Hercule Poirot, Philip Marlowe, Sherlock, Tintim, Dick Tracy e tantos outros. Lera centenas desses títulos, e seria capaz de lembrar de cabeça a maioria das estórias.

O tédio foi preenchendo o apartamento de três cômodos. Montenegro, então, desistiu de Joel. Ligou para sua amante que trabalhava no cabaré *Santa Luzia*, pertinho dali. Sendo um cliente de prestígio, tinha um número de recado. Fez questão de avisar que precisava da companhia dela com urgência. Afinal, nada como o perfume de uma mulher para curar as feridas de um homem.

*Toc-toc.* Batidas na porta anunciaram Verônica.

Montenegro se apressou para esconder a maleta antes de abrir. A mulher não era jovem, tinha marcas da vida. Mas ainda sustentava um charme penetrante. E o perfume... ah! O perfume era espetacular. Ao sentir aquele cheiro, o detetive sorriu por baixo do bigode e foi cortejá-la.

O casal destilava intimidade. Bebiam drinks, se acariciavam, jogavam papo fora. Logo a tensão nos ombros de Montenegro desapareceu. Verônica escolheu um bom disco de jazz e tirou o detetive pra dançar, elevando a temperatura do ambiente.

“*O que você aprontou dessa vez, meu bem?*” — ela sussurrou ao pé do ouvido.

“*Ossos do ofício.*”

“*Ainda tem idade pra isso?*”

“Estou só começando.” — gargalhou.

“O que essa droga tá fazendo aqui? Você sabe que não gosto...” — apontou assustada para a mesa de centro.

“Calminha aí.” — interrompeu. “Eu não sei como a porra da minha arma veio parar aqui.”

“Andou bebendo demais?” — afastou Montenegro.

“Que se dane! Esquece isso e vem cá.” — puxou ela pra perto e tirou o casaco dela com gentileza.

Após beijos e amassos no veludo do sofá, Verônica, seminua, ofereceu uma massagem. Ele desabotoou a camisa, bebeu um gole do Dreher e acendeu um cigarro que fumaram compartilhado. De repente, ela parou o que fazia e caminhou até a porta, intrigada. Aguçou o ouvido, se aproximando da porta.

Montenegro, excitado, a chamava pelo nome como um garanhão assanhado, mas foi ignorado.

“Quem está aí?” — ela disse em voz alta.

Antes que o detetive pudesse impedir, Verônica abriu a corrente do ferrolho. A folga foi suficiente para atravessar um braço masculino armado com um revólver antigo. Audaz, ela tentou sustentar a porta com o peso do corpo. Aos berros, investiu contra a mão que segurava a arma iniciando uma disputa que culminou num estalo seco.

A parede monótona foi pintada de sangue. Pedaços de cérebro traziam textura. O corpo de Verônica despencou. Foi tudo tão rápido que Montenegro foi incapaz de reagir. Quando tentou chegar nela, a porta foi arrombada. Só teve tempo de saltar por cima do sofá em busca de cobertura.

O detetive era um homem de ação. Pegou o revólver no reflexo, disparou um tiro de distração e correu agachado até o banheiro.

*Bang-bang!*

Dois projéteis voaram na sala. Um derrubou o troféu de boxe que jazia na estante; o outro raspou o braço.

“*Merda!*” — rugiu Montenegro.

Escorado no azulejo gelado, examinou o ferimento: superficial. Enrolou a toalha de rosto para estancar o sangue. Já tinha sacado o jogo. Era uma dupla de filhos da puta novatos, discutindo entre si. Estava em desvantagem. Sabia disso. Podiam liquidá-lo a qualquer hora. Esperar a morte não era uma opção. Precisava agir. Agora.

Fez um movimento ousado. Entreabriu a porta do banheiro com cautela, criando um ângulo justo de visão da sala através do espelho. Foi assim que acertou um tirambaço na costela de um dos caras. O sujeito gritou com os olhos. As mãos apertavam a barriga ensanguentada. O comparsa surgiu do quarto atirando com tudo. Um dos disparos explodiu o espelho em mil estilhaços — Montenegro recuou, protegido pela porta.

Pausa.

Pelo basculante, tentou escutar sirenes. Nem sinal da polícia. Nenhum alívio. Tateou o chão entre os cacos, encontrando um pedaço que serviu de retrovisor. Ninguém à vista. Só o caos.

O detetive correu até a porta, desviando dos escombros, exceto do corpo. Diante de Verônica, ele parou. Agachado, sentiu o pulso nulo. Fechou-lhe as pálpebras com os dedos duros. Foi a última vez que distinguiu aquele aroma doce.

Arrebatado, certo de que sua malandragem nas ruas lhe daria vantagem, iniciou uma perseguição tardia. Conseguiu zarpar antes do

fuzuê dos vizinhos. Deu partida no Ford. Não era estúpido pra se fazer de herói. Se tentasse na corrida, teria um infarto no trajeto.

A manha do detetive de fato lhe garantiu acessos na Lapa que o colocaram no rastro dos suspeitos. Pelas informações coletadas já estava na zona de convergência. Dirigia devagar — a Colt .38 de aço escurecido ao alcance no banco do carona.

Seus instintos o levaram até um grupo de mulheres na esquina. Durante o diálogo até circunspecto, era possível sentir o sabor palpável do pecado. Sereno da noite. Pálida lua minguante. A capital do Brasil exalava um esplendor sombrio — quase profano.

*A cidade nasce primeiro na mente.*

A conversa terminou. O detetive entrou no carro e arrancou convicto. Segurou firme no volante, ignorando o sinal da encruzilhada. Subiu a calçada. Jogou o Ford num beco estreito e pisou fundo. A manobra radical surpreendeu a dupla de vagabundos que descansava da longa fuga. A sorte deles foram os latões e entulhos que impediram o atropelo. Montenegro derrapou para evitar a batida.

Os bandidos saltaram, desesperados. O detetive ia atrás, mas ficou encurralado. Não havia espaço para abrir a porta entre as paredes da travessa.

“*Inferno! Parados aí.*” — gritou.

O ferido ficava pra trás. Montenegro, destro, apoiou o revólver na janela esquerda para um tiro difícil. O lugar era escuro. Muita coisa em jogo. Inspirou fundo... Saudade de um perfume já ausente.

Disparou — *Bum!*

Depois que o alvo caiu, ainda pôde ver o comparsa desaparecer nas trevas. Engatou a ré para sair dali, mas foi distraído pela pirotecnia

das sirenes. Uma blitz cercava o beco. Policiais civis por todos os lados. Armas apontadas para o detetive.

“*Mãos ao alto! Saia do veículo, devagar!*” — o megafone estourou no beco.

Montenegro obedeceu, rosnando de raiva. Sabia que teria problema pra sair do carro. Até tentou manter a pose, mas ficou entalado no beco. As viaturas, jocosamente, lançaram os faróis sobre a cena. A luz expôs o constrangimento com crueldade.

Irresignado, usou toda a força bruta que tinha para se soltar do carro e arrebentou a porta do querido Ford 47. Puto da vida, ainda tentou argumentar com os tiras. Mas no Rio, a regra era clara: primeiro atira, depois pergunta. Escolheu ser prudente. Terminou de bruços no chão de paralelepípedo, encarando o próprio rosto refletido na lama.

Um par de sapatos caros parou na sua frente. Ao ver o lenço bordado com as iniciais “VS” limpar meticulosamente os respingos no couro, Montenegro gelou, da cabeça aos pés.

“*Ora, ora. O que temos aqui? Detetive Montenegro, é você mesmo?*”

“*Inspeitor Vitor Sabóia*” — Montenegro respondeu com a voz embargada.

“*Ponha-se de pé, detetive. O chão é lugar dos ratos.*”

“*Deveria ensinar melhor os seus homens.*” — se limpou, encarando Sabóia.

“*Hum... perdoe os modos dos rapazes. Você sabe como é: na Lapa não se pisca.*” — o inspetor fumou o cachimbo.

“*Beleza, Sabóia. Agora, se me der licença, tenho assuntos urgentes a tratar.*”

*“Peraí, peraí, peraí... aonde vai com tamanha pressa. Isso é uma cena de crime. Vamos ter que interrogá-lo.”*

*“Porra! É sério mesmo? Invadiram a minha casa. Eu fiz o trabalho de vocês e tenho que ficar preso na sua papelada enquanto o outro foge.”*

*“Procedimentos. No seu cursinho não devia ter essa aula?”* – Sabóia puxou um bloco de notas.

Todo o comboio que assistia ao interrogatório vibrava a cada espetada do inspetor no seu desafeto. Montenegro, por sua vez, respondeu com cinismo à maioria das perguntas, mas não podia esconder a morte de Verônica.

*“Bingo!”* — vibrou o escrupuloso inspetor.

A investigação então tomou outro rumo, arrastando-se madrugada adentro. Frustrou completamente os planos de Montenegro para aquela noite. Somente quando a alvorada cantou conseguiu voltar para o apartamento — aos frangalhos. O lugar estava uma zona. Cheirava a pólvora. Os vestígios da perícia ainda denunciavam a pugna.

No chão, onde outrora jazia Verônica, restavam as manchas de sangue e o contorno de giz no espaço vazio. O rabecão recolhera o corpo horas antes, assim que a polícia encerrou seu trabalho sob o olhar inquisitivo do detetive.

Sentou-se no sofá, exaurido. No ponto zero. Ouviu o lamento de um saxofone lúgubre que ainda saía do toca-discos esquecido. Pensou nela. Mais do que uma amante, uma vida inocente, ceifada por sua culpa.

Mesmo extenuado, o detetive não pregou os olhos. Morfeu não visita os condenados. Ficou ali, mastigando os cacos. A cabeça girava feito

um carrossel barato. Tinha deixado inimigos pelo caminho. Isso era fato. A dúvida: qual deles teria colhão?

*Assalto? Me poupe. Nada nesse mundo é aleatório. Isso foi armação, das boas. Pensa, Montenegro! Conrado...? Aquele canalha de gravatinha? Não parece o tipo, mas tava diferente. Falava como quem já ganhou. E era ele com a maleta. Merda. Que inferno tem naquela porra de maleta?*

Os pensamentos cessaram com os primeiros raios de sol vazados pela janela que iluminaram seu rosto. Levantou-se para pegar a bendita maleta de cristal no quarto. O susto foi imediato. Desapareceu, ou melhor, foi roubada.

Montenegro iniciou uma busca alucinada pelo apartamento. Vasculhou cada canto, revirando tudo de ponta à cabeça — nada. Seguiu incrédulo até o banheiro. Abriu a torneira da pia e jogou água fria no rosto e nos cabelos ralos. No único tasco do espelho que sobreviveu ao tiroteio, olhou seu reflexo. Queria acordar daquele pesadelo. Precisava encontrar o velho.

O destino era a Tijuca, antiga vizinhança de Montenegro, bairro tradicional, a trinta minutos do centro. O detetive já sabia onde achá-lo: Praça Afonso Pena, pacata e arborizada. Um dos redutos favoritos de Joel, que passava as manhãs empilhando adversários no tabuleiro de damas.

Ele era um septuagenário aposentado. Conhecia Montenegro desde a tenra idade. Amigo dos seus pais, principalmente da falecida mãe. Foi ele, por exemplo, quem instigou a fixação por literatura policial e ensinou os truques de investigação. Mas o velho era uma moeda rara. Numa face, um idoso rabugento e inofensivo. Noutra, um ex-membro do Conselho Nacional de Segurança com um passado misterioso.

Montenegro estacionou perto da banca e não resistiu a reclamar com o jornaleiro sobre o amassado na porta do seu carro. Alguns metros à

frete, avistou Joel. Com a feição sisuda de sempre, roupa de linho cru, rodeado de aposentados que curiavam a partida.

O detetive se aproximou devagar, admirando a lógica kafkiana com que o velho dizimava o desafiante. Assim que a partida terminou, Joel pegou o seu jornal dobrado e caminhou com Montenegro pelos jardins, até um banco de madeira isolado.

“*Completo a missão?*” — Joel quebrou o silêncio prolongado.

“*Sim e não. Peguei a encomenda com Conrado, mas... me roubaram depois.*”

“*Você ou alguém a abriu?*” — O velho tirou do bolso da camisa um punhado de migalhas e as lançou para os pombos.

“*No tempo em que esteve comigo, não. Mas do que isso importa agora?*” — Montenegro virou para Joel, que observava as aves.

“*Tudo.*”

“*O que você tá me escondendo, velho?*”

“*Há dois tipos de verdade no mundo: a que você precisa ver para crer... e aquela que você primeiro crê. Estamos diante da segunda hipótese.*”

“*Cacete, Joel! Virou a esfinge?*” — o detetive torceu o rosto.

“*Me traga a maleta. E vamos conversar sobre o conteúdo.*”

“*Se eu soubesse por onde começar...*” — Montenegro murmurou.

“*Pela próxima jogada.*” — Joel sintetizou.

Durante a tarde, Montenegro mergulhou na investigação. Foi ao necrotério reconhecer o corpo do criminoso que ele deitou. Passou na

delegacia, acessou os autos, analisou as provas. Até despistou a polícia sobre o roubo da maleta. Só parou no almoço — sagrado. Como de praxe, foi na pensão do Boi e devorou um prato feito de mocotó com uma dose de cachaça. *Tava um brinco!* A gordura brilhava no osso.

Na sequência se trancou no escritório ainda antes do poente. Precisava digerir as ideias. Avisou Betinho, o garoto engraxate da rua, para não passar nenhum recado. O moleque costumava lhe fazer favores por uns trocados.

Imerso em pensamentos, buscou no silêncio uma saída para concatenar as ideias. A sala — simples, retangular — ficava colada ao burburinho da rua. A primeira coisa que fez foi fechar a persiana da janela. Reduziu luz e ruído. Entre um cigarro e outro, perambulava sem rumo pelo escritório. Pegou o porta-retrato empoeirado com a foto dos seus filhos, Filipe e Maria Clara, era do aniversário de seis anos dela. Passou rápido.

Ao notar que o cinzeiro se tornou um campo minado de guimbas de *Hollywood*, entendeu o sinal. A verdade que esperasse. Antes, precisava resolver o passado. Ou pelo menos, empurrá-lo mais um pouco pra debaixo do tapete.